

Co. 3

# MARIA DE BRAGANÇA

“INFANTA D. BRANCA”

• Esta notavel princeza é filha do sr. D. Miguel de Bragança que reinou cinco annos em Portugal com applauso de muitas almas piedosas e grande escandalo de toda a impiedade.



# MARIA DE BRAGANÇA

(INFANTA D. BRANCA)

---

VERSOS

POR

BULHÃO PATO

---



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO FUTURO

Rua de S. Boaventura, 57

1874



Quando os carlistas entraram em Cuenca, o bispo, cumprindo a sua missão de paz e caridade, apresentou-se a D. Branca pedindo-lhe protecção para os voluntarios que se refugiaram no paço episcopal. A esposa de D. Affonso, com uma crueldade e fereza tão propria da causa que representa, despediu brusca-mente o prelado, dizendo-lhe: «Y tu dá gracias a Dios de que no se haja contigo lo que con ellos.»

Esta princeza é filha do sr. D. Miguel I, que foi rei de Portugal.

*(Diario Illustrado, 27 de julho de 1874).*



## MARIA DE BRAGANÇA

Honrando os manes de seu pae e pedindo auxilio  
aos seus parciaes politicos de Portugal

Maria de Bragança, honras teu pae na tumba!  
A forza era tardia:—ao cabo da batalha,  
Contra o vencido inerme empregas a metralha,  
Para que emfim succumba,  
Por toda a eternidade,  
A vibora infernal chamada «liberdade».  
Maria de Bragança, honras teu pae na tumba!

Farejando, de largo, a terra onde rebenta,  
Ao sopro da impiedade, a flôr da nova-idéa,  
Invocas, do passado, a esplendida odisséa,  
Nas sanguineas visões da sanha truculenta!  
Ouvindo a tua voz, respondem-te de cá,  
Accesos na paixão dos mais sinceros brios,  
Co'as orelhas em pé, desenfreados já,  
Os onagros bravios!

Estas devotas do altar,  
Lavam a palma ao diabo,  
A pala capta e rido,  
«Com ser felpado e ter galhos;  
Por-se comtigo a rosnar;  
Mordido de inveja a um canto,  
Dos arcos do Padre Santo,  
Estavas, vindo este rasgo

**Em Cuenca. A mãe e o filho assassinado.  
O diabo mordido de inveja.**

Tem a pobre mãe viuva  
Um filho a lutar co'a morte ;  
Sente um bramido mais forte,  
Escuta, em trances mortaes !  
Metteram hombros á porta...  
—«Ó Mãe Santissima, ó Christo,  
Por tuas chagas !!...» e n'isto  
Vê entrar os cannibaes.

A mãe agarra-se ao filho ;  
Arranca-o de sobre o leito,  
Soltando um grito do peito,  
Que não descreve ninguém !  
Responde uma gargalhada  
Áquelle terrivel brado,  
E é o filho assassinado  
Nos proprios braços da mãe !

Satanaz, vendo este rasgo  
 Dos servos do Padre Santo,  
 Mordido de inveja a um canto,  
 Poz-se comsigo a rosnar:  
 «Com ser felpudo e ter galhos,  
 A pata caprina e rabo,  
 Levam a palma ao diabo,  
 Estes devotos do altar.»

A esposa e o esposo

Corre na praça e nas ruas,  
O incendio, o roubo, o assassinio;  
Não escapa ao morticinio  
O proprio infante, sequer.  
São da soldadesca infrene  
Os instinctos revoltantes?  
São as ordens terminantes  
De D. Affonso e a mulher.

Tem elle os seus vinte e cinco,  
Ella vinte e dois, apenas;—  
Que duas almas serenas,  
Que duas feras reaes !...  
Algumas nodoas de sangue,  
Da canalha turbulenta,  
Vão laval-as n'agua-benta  
Dos paços episcopaes.

A princeza orando na hora da carnificina.

«Rei e Deus do Vaticano,  
Fulminador dos atheus,  
Já corre ás ondas, ó Deus,  
O sangue republicano.

«Acaba o maldicto jugo  
Do Progresso e da Heresia;  
Está muito perto o dia  
Dos padres e do verdugo.

«Mas de dinheiro, Senhor,  
Vão-se quantias pasmosas!  
Acode ás almas piedosas,  
Com teus reclamos d'amor!

«Correram d'oiro... caudaes  
Em nome do communismo:  
Em Alcoy foi.... um abysmo,  
E em Carthagena... inda mais!

«A aurora aponta vermelha,  
 Como os teus sonhos e os meus:  
 Vão esmagar-se os plebeus,  
 Sob a mol' da «rocha velha!»

«Ditosa da humanidade,  
 Se antes de morrer na cruz,  
 Não fallara o bom Jesus  
 Em «Liberdade e Igualdade!»

«A idéa fundamental  
 Dos Evangelhos de Christo,  
 Ha muito que se tem visto  
 Ser uma idéa fatal!

«Ufane-se o coração  
 Dos Catholicos-Romanos,  
 Que ás mãos dos Ultramontanos,  
 Succumbe o mundo christão!

«Se a Allemanha, renegada,  
 Nos move uma guerra atroz,  
 Temos a França por nós,  
 Como fiel alliada.

.....

«A benção do teu amor,  
 E mais alguns capitaes,  
 Que se fundem cabedaes  
 N'esta cruzada — Senhor!»

«A autora aponta verdadeiras  
 Como os seus sonhos e os meus :  
 Vão esmagar-se os plebeus  
 Sob a mol' da «rocha velha!»

«Dilosa da humanidade,  
 Se antes de morrer na cruz  
 Não fallara o bom Jesus  
 Em «liberdade e igualdade!»

### A princeza e o Bispo

Do altar, as luzes morticças,  
 Derramam clarão sumido,  
 Sobre um Christo esmorecido  
 Á voz d'aquella mulher ;  
 Mas o bispo vendo a infanta  
 A orar, com tanta humildade,  
 Disse :—«É Ella a caridade,  
 E é quem nos pode valer!»

Deitou-se-lhe aos pés clamando :  
 —«Perdão para os desgraçados!»  
 —«Ó bispo, os nossos soldados  
 Necessitam de expansão ;  
 E tu... cuidado, cuidado,  
 Não rogues tanto por elles,  
 Que o que se dá com aquelles...»  
 E pediu a communhão.

Princesa semi-dea,— enflora-te de palmas  
 A religião do amor, e o Deus do Vaticano,  
 O Deus confortador das peregrinas almas,  
 Enquanto á tua voz corre a sangrenta orgia,  
 Para animar no ardor d'esse trabalho insano,  
     Teu seio fatigado,  
     Desce a ti, transformado,  
 No milagroso pão da Santa-Eucharistia !

Não podendo encarar a esphera rutilante,  
     Depois da communhão,  
 Contemplas esse mar vermelho e fumegante,  
 Que brotou, aos cachões, das veias da heresia,  
 E, em nome do diabo, e throno, e cleresia,  
 Carnifice princesa,— exulta, triumphante,  
     Teu nobre coração !

Embalde exultará !— E em vão tiras agora,  
 Ó Roma dos fieis, a colubrina espada.  
 Á batalha campal venha o teu mundo, embora !  
 Contra a idéa «porvir», todo esse mundo é nada !

Prosiga a saturnal no curso delirante ;  
 O sangue do martyrio as almas retempera.  
 Depois da tempestade, a aurora deslumbrante :  
 Traz caudaloso inverno, a florea primavera.

As torvas maldições dos animaes nocturnos,  
 Á voz dos clericaes — praga da humanidade —  
 Respondem, na officina, os canticos diurnos,  
 E os hymnos do progresso — ao sol da liberdade !

Serenas, no futuro, as paginas da historia,  
 Narrando o feito audaz da reacção preclara,  
 Juntarão esta gloria á immarcessivel gloria  
 Dos sagrados annaes do sceptro e da tiara.

Dure, embora, algum tempo, a lucta nas Hespanhas  
 Das trevas surgirá a luz do grande dia!...  
 Emquanto o bronze acorda os echos das montanhas,  
 E as cegas illusões crescem na sachristia :

A sciencia, que opera esforços sobrehumanos,  
 Que liga, por um fio, o velho ao mundo novo,  
 Não pára a construir o throno dos tyrannos,  
 Corre, ovante, e proclama a redempção do povo !

FIM.

